



Mion estréia
programa na
grade da MTV
Página 2

Divulgação/MTV

CULTURA & LAZER



Trombonista
Raul de Souza
toca no Sesc

Página 3

**Terça
na
Tela**

Todas as terças de
março, ingressos por
apenas R\$ 7,00 (inteira)
e R\$ 3,50 (meia).
Só no Cinemark
Extra Anchieta.

CINEMARK
www.cinemark.com.br

ação EM SANTO ANDRÉ

David Kullok roda 'O Último Chá' no Cine-Teatro Carlos Gomes

Alessandro Soares

Em filme no Cine-Teatro Carlos Gomes. 'E daí?', diriam os desavisados. A histórica sala andreeense, tombada pelo Comdephapasa (Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arquitetônico e Paisagístico de Santo André), está sem atividades de projeção ou palco há três anos. Mas parada total, não. Quando a Escola Livre de Cinema e Vídeo não a usa para aulas, a produção brasileira pede passagem. Brasileira, *pero no mucho*.

O *Último Chá* é o longa-metragem de ficção que o argentino David Kullok dirige há quase um mês em Santo André. É seu primeiro longa, roteiro escrito por ele baseado em peça de sua autoria. A produção é da CadisFilmes, Setsuam e Estação TV. O produtor Erike Busoni é de São Caetano, e Antônio Petrin, andreeense, protagoniza. Com financiamento pela Lei Rouanet e Lei do Audiovisual, o filme também está selecionado na Lei de Incentivo a Projetos Culturais de Santo André e procura investidores.

Cenas de interiores são filmadas no palco do Carlos Gomes, cedido pela Prefeitura. Além dos andreeenses Petrin e Sônia Guedes, também atuam Ailton Graça, Denise Del Vecchio, Bruno Perilo, Daniel Machado e alunos da ELCV. A previsão para conclusão das filmagens é sexta-feira.

O cenário foi montado no palco, com diferentes ambientes por onde os atores transitam. Movimentos estes que a câmera, em angulações diferentes e cortes, esconde e mostra. O processo lembra o filme *Dogville*, de Lars von Trier.

Kullok, 65, saiu de Buenos Aires em 1974 e viveu na Espa-



Antônio Petrin interpreta Dom Glauco, personagem que luta contra fantasmas do passado, entre realidade e imaginação; a seu lado Daniel Machado, ator que faz seu neto no filme

nya. Se escapou do início da ditadura argentina em 1976, viveu os momentos finais do regime de exceção do espanhol Franco. Veio ao Brasil em 1982, onde o governo militar ainda dava cartas. Portanto, a ditadura é presença certa no roteiro. O drama de pessoas em situações limites, renascimento e reconstrução são outros subtemas. De origem judaica, Kullok recorda 1948, quando viu as primeiras fotos de pilhas de cadáveres do holocausto judeu. "Lembro de ver meu pai sair armado para se defender dos nazi argentinos

que queriam quebrar o bairro judeu em Buenos Aires".

Kullok foi letrista do grupo musical Raíces de América até 1986, e assistente de direção dos cineastas Ícaro Martins e Denoy de Oliveira. Dirigiu o curta *A Pedra de Ori* (1995), que teve direção de fotografia foi do carioca Marcelo Spomberg. Os dois se reencontram para *O Último Chá*.

"É um melodrama no bom sentido, que foca a desestruturação da família na ditadura. Dom Glauco, anti-comunista, é um ancião que teve problemas com o filho, militante mor-

to na repressão. Vive com o neto, criado como seu filho. O personagem sofre um conflito interno e revive memórias enquanto sua casa está para ser demolida", explica o diretor. Se o filme será brasileiro ou argentino, *muy hermano*, Kullok acha que "vai dar alguma coisa que não é só brasileira, com a melhor boa intenção".

Dom Glauco reencontra o fantasma do filho e revive outros personagens. "Não é um filme convencional. Os atores atuam como se estivessem num teatro, e andam de um cenário a outro. São os planos de

profundidade ou fechados e o uso da luz que fazem a dinâmica do filme", diz Spomberg. A captação é feita com câmera Cannon XLHI, própria para alta definição, uma das três existentes no Brasil. Tomadas exteriores foram feitas na UFABC, onde Ailton Graça filmou como chefe dos demolidores.

Petrin, 69 anos, reencontra o Carlos Gomes 15 anos depois da reinauguração da sala em 1992, quando dirigiu e atuou na peça *Nosso Cinema*, escrita por Luís Alberto de Abreu para a reabertura do espaço, que havia sido reformado.

O ator faz Dom Glauco. "Acho o filme ousado em termos de linguagem da imagem. A história é pertinente à realidade brasileira, vai da ditadura aos dias de hoje numa narrativa bastante original. Dom Glauco vive uma fase terminal e convive com um conflito pessoal, se delatou ou não o filho à repressão".

Dom Glauco tem uma fala que simboliza a metalinguagem proposta pelo diretor: "Eu nasci nessa casa, a melhor do bairro, que virou teatro". E o Cine-Teatro Carlos Gomes, por ora, revive. ▲



Bruno Perilo interpreta o fantasma do filho do ancião



O diretor argentino David Kullok (de chapéu) repassa uma cena com os atores Daniel Machado e Petrin



Petrin volta ao palco da sala andreeense 15 anos depois

Fotos: Celso Luiz